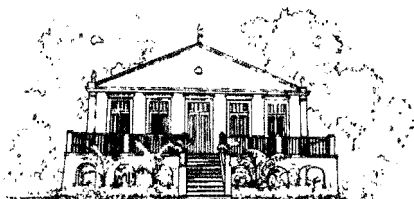


PR/SCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:
Estudos Biográficos do Museu
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente: José Sarney

SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

Sumário

Apresentação	12
Prefácio	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880)	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899)	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900)	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888)	59
José Ferreira Cantão (1827-1893)	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906)	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878)	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912)	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919)	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929)	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946)	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957)	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984)	138
Walter Alberto Egler (1924-1961)	150

Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

Oswaldo Cunha orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha
Diretor Geral
MPEG/CNPq/SCT

Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

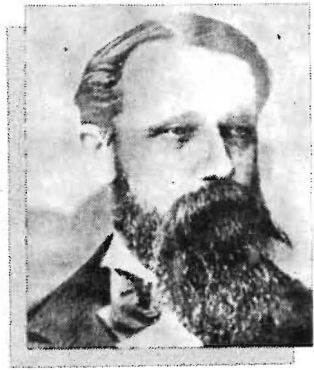
dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



Charles Frederick Hartt

(1840-1878)

O Prof. Charles Frederick Hartt passou pela terra como um cometa. Sua vida foi muito curta para uma inteligência viva e extraordinariamente produtiva. Era um cientista por vocação, talentoso e consciente da profissão que abraçou. Acima de tudo, foi um investigador arguto e essencialmente dedicado à pesquisa de campo. Foi, em verdade, um dos vanguardeiros da moderna Geologia de exploração a céu aberto, em especial a do Brasil e com mais ênfase a da Amazônia, ao estabelecer novas diretrizes, novos conceitos e bases mais seguras para os pesquisadores que o sucederam.

Dos estrangeiros úteis que ajudaram a melhor conhecer e desenvolver o Brasil, Charles Hartt foi o mais sincero amigo deste país. Hartt morreu amargurado e frustrado, no Rio de Janeiro, por ter sido tolhido pelo Governo em suas pretensões de querer desenvolver mais ainda a Geologia do Brasil, da qual tanto gostava.

O Museu Paraense muito deveu a este grande geólogo, naqueles anos críticos de 1871 e 1872, quando

mais precisava da ajuda de todos, principalmente dos cientistas amigos. Sua contribuição foi decisiva não apenas nas investigações geológicas pioneiras, como, sobretudo, nos estudos fundamentais da arqueologia indígena amazônica, reforçados com a colaboração espontânea de Ferreira Penna. Pela identidade de caráter e dos estudos preferidos, esses dois homens, embora um muito mais velho que o outro, tornaram-se profundos amigos, cheios de admiração e respeito mútuos, com resultados positivos para a ciência. A inesperada morte de Hartt rompeu para sempre esse exemplar coleguismo.

O Prof. Charles Hartt nasceu em Frederickton, New Brunswick, Canadá, a 23 de agosto de 1840. Seus pais foram o Sr. Jarvis William Hartt e Prudence (Brown) Hartt. Com sua educação básica supervisionada pelo próprio pai, Hartt estudou na Academia de Horton em Wolfville, Nova Escócia. Passou depois para o colégio Acadia, onde seu pai era professor. Em 1860 foi graduado nessa faculdade com honras, recebendo o grau de "Bachelor of Arts",

e mais tarde o de "Master of Arts". Em 1869, casou-se com a jovem Lucy Lynde, da cidade de Buffalo, Estado de New York, com quem teve dois filhos, um menino e uma menina.

Desde os dez anos de idade, Hartt começou a adquirir gosto pelos estudos de história natural, encorajado por um de seus mestres, o Prof. Cheeseman. A província de Nova Scócia ele a percorreu em várias expedições, especialmente em investigações geológicas. Seus estudos eram sempre de caráter independente, original e, por seu grande valor, enriqueceu a história do Colégio Acadia.

Transferido para St. John, New Brunswick, teve oportunidade de estudar fósseis de insetos em rochas devonianas, e com isso atraiu as atenções do prof. Luiz Agassiz, que convidou Hartt, em 1861, para vir aperfeiçoar-se no Museum of Comparative Zoology em Cambridge, Estados Unidos, onde permaneceu quatro anos.

Quando Luiz Agassiz organizou a Expedição Thayer ao Brasil, em 1865, dois geólogos foram por ele selecionados, Charles Hartt e Orestes St. John. O objetivo primordial da célebre expedição visava à pesquisa da distribuição dos peixes de água doce no Brasil, mas a geologia ocupou, também, muito tempo dos seus trabalhos. Apesar disso, novos depósitos fossilíferos não foram descobertos, apenas encontraram aqueles que já eram conhecidos, tendo sido explorados o Cretáceo da Bahia e o Pós-Plioceno de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Com o retorno da expedição aos Estados Unidos, Hartt já estava convencido de que o Brasil apresentava um vasto campo para investigações mais pro-

fundas de sua geologia e, por isso, voltou ao nosso país, em 1867, decidido a continuar suas observações. Começou pela Bahia, estudando as formações fossilíferas, depois passou à ilha dos Abrolhos e dos recifes do litoral do Estado, até Caravelas.

Em 1868, era professor de história natural, a convite, no Vassar College, mas, resignando à posição, aceitou, no mesmo ano, a cadeira de geologia na Universidade Cornell, mantendo-se na chefia do departamento até a morte.

Em 1870 Hartt resolveu dedicar-se inteiramente ao estudo da geologia amazônica. Organizou, então, uma expedição a expensas do milionário E.B. Morgan, da cidade de Aurora, New York, composta de dez estudantes da Universidade e mais o Prof. W. Prentice, botânico. Dentre os estudantes salientaram-se, pela sua atividade e trabalhos científicos, Orville Derby, T.B. Comstock, Herbert Smith e W. Barnard. Além de explorar a calha do baixo Amazonas, Hartt visou especialmente aos rios Tocantins, Xingu e Tapajós. Neste, foram descobertos os importantes depósitos fossilíferos do Carbonífero, que já haviam sido mencionados pelo major Silva Coutinho. Ao norte do Amazonas foi explorada a região de Monte Alegre e serra de Ererê, onde encontrou as camadas areníticas do característico Devoniano, rico em fósseis.

Os exploradores estudaram, também, a ilha de Marajó, principalmente no que diz respeito aos sítios arqueológicos, baseando-se nas informações de Ferreira Penna e moradores locais. Com estas pesquisas, Hartt teve então oportunidade de concluir que na Amazônia não tinha havido uma época glacial, como su-

pusera quatro anos antes seu mestre Luiz Agassiz.

Em 1871 Hartt e Derby retornaram à Amazónia para continuar os estudos interrompidos. Nessa ocasião dedicaram-se aos estudos de tribos indígenas e mitos. Em janeiro de 1872, voltou Hartt à Ithaca, New York.

Em 1874 o Ministério da Agricultura criou a Comissão Geológica do Império e, para organizá-la, foi convidado Charles Hartt. Para auxiliá-lo na tarefa, chamou alguns de seus antigos discípulos e especialistas brasileiros, entre os quais se encontrava Ferreira Penna. Grande parte do território do Brasil, em especial a Amazónia, foi explorado pelos membros da Comissão, com resultados satisfatórios e grande acúmulo de amostras petrográficas e fossilíferas, de minérios e de minerais.

Em julho de 1877, o Ministro da Agricultura, alegando economia para a nação, suprimiu a Comissão Geológica, com desastrosos resultados para as pesquisas geológicas do Brasil, retardando-lhe em muito os estudos, e, em consequência, motivando a desilusão de Hartt pelo país e a sua morte precoce no Rio de Janeiro, ocorrida em 18 de março de 1878. Hartt havia sido dedicado e incansável amigo do Brasil, esforçando-se muito para o seu desenvolvimento.

Na antiga Província do Pará, Hartt conseguiu fazer proveitosas amizades com autoridades e pessoas simples. Sua contribuição para o nascente Museu Paraense foi decisiva e de grande alcance, pois, em companhia de Ferreira Penna, valorizou sobre o modo as finalidades para as quais este havia sido criado. Com sua presença, Hartt e seus colegas, notada-

mente Derby, prestigiaram a Geologia e a Arqueologia, dois setores importantes do Museu Praense em toda a sua existência.

Em julho de 1870 o Prof. Hartt chegou a Belém com sua importante comitiva para explorar mais detidamente a geologia do baixo Amazonas, coincidindo essa oportunidade com a esclarecida administração do Dr. Abel Graça na Presidência da Província. O Governo emprestou todo o apoio àquele geólogo, inclusive pondo à disposição do mesmo um navio próprio para esses estudos. Em troca de tais amabilidades, o Dr. Abel Graça solicitou de Hartt um relatório oficial do resultado de seus estudos geológicos, especialmente nos rios Tocantins e Tapajós. As observações feitas por esse geólogo são algum tempo depois apresentadas no relatório que enviou ao Governo. Esses estudos, que, de certo modo tiveram a colaboração direta do Governo, foram os primeiros executados na Província do Pará por um geólogo especializado.

Esse relatório foi depois publicado no jornal *Diário de Belém*, de 11 de março de 1871, com o título "Relatório da Exploração dos Rios Tocantins e Tapajós pelo Dr. Charles Hartt". Mais tarde, em 1894/96, foi reimpresso no *Boletim do Museu Paraense*, volume 1, páginas 257-273. Do bem elaborado trabalho de Hartt, tiramos os seguintes tópicos:

"Fui recebido com a maior bondade por S. Exa. Dr. Abel Graça, que então administrava a Província, por S. Exa. o Sr. Visconde de Arari e pelos Srs. Inspetor do Arsenal de Marinha, Comendador Pimenta Bueno, Bond e por outros cavalheiros".

"Tendo alugado uma casa em Nazaré, aí fiquei um mês para faciliti-

tar aos meus discípulos a oportunidade de praticarem a língua portuguesa e se habituarem ao clima, e ao mesmo tempo percorrermos todas as vizinhanças do Pará (Belém), fazendo coleções importantes na História Natural”.

“Sua Exa. o Sr. Abel Graça, Vice-Presidente, fez-me a honra de ceder o vaporzinho “Jurupensen”, com uma carga de carvão, para a minha viagem ao Tocantins. Neste vapor, sob o comando do Sr. João G. Ledo Júnior, subi com toda a minha comitiva pelo Tocantins até a praia do Urubu, que fica a pequena distância e abaixo da primeira cachoeira”.

“... Depois de uma pequena demora no Pará (Belém), S. Exa. o Sr. Abel Graça honrou-me segunda vez, cedendo-me o “Jurupensen” para a exploração ao Tapajós”.

“... Tanto interesse achei na exploração do Tapajós, que resolvi gastar na Província do Pará todo o tempo a minha disposição. Voltei ao Pará (Belém); entreguei o vapor e dividi a minha comitiva. O Sr. Prentice e o Sr. Power foram a Pernambuco, Bahia e Rio; mandei os estudantes Derby e Wilmot fazerem um reconhecimento da costa nas vizinhanças do Maranhão, Ceará e Pernambuco, e o Sr. Barnard à ilha de Marajó para examinar um lugar onde existem sepulturas de índios; o Sr. Johnston ficou no Pará e eu voltei a Monte Alegre, onde tinha deixado os Srs. Comstock, Smith e Staunton”.

“... Nesta viagem estudei, quanto me foi possível, os produtos naturais da Província; sobre alguns deles como o Guaraná, pretendo publicar memórias”.

“... Tenho feito muito empenho em aprender a língua geral e em colher informações sobre os índige-

nas do Brasil. Das figuras pintadas ou gravadas sobre pedras tenho já grande número de desenhos que esbocei; estes trabalhos, assim como outras diligências que fiz e umas notas que o Sr. Penna ofereceu-me, constituem já uma boa contribuição para a etnologia do País”.

“... Após tantas atenções com que fui recebido por parte do Governo e dos paraenses em todos os lugares que visitei, reputo um dever e ao mesmo tempo um prazer comunicar primeiro ao povo brasileiro, como acabo de fazer, alguns dos resultados dos meus estudos nesta Província”.

Este trabalho de Hartt, escrito por ele mesmo em português, foi entregue ao Governo em 6 de dezembro de 1870.

Em agosto de 1871 Charles Hartt retornava a Belém com Orville Derby e E.R. Beckley. O jornal *Diário do Gram-Pará*, do dia 7 de dezembro de 1871, escrevia sobre os mesmos a seguinte informação:

“Dois dias depois seguiu para Santarém, onde gastou alguns dias em aprestos para seguir para Monte Alegre. Ali dirigiu-se para a serra de Ererê, e gastou duas semanas dum labor nunca interrompido a fazer investigações, de que os resultados confirmam as observações feitas em sua viagem precedente, e de que demos notícia nos primeiros números do *Diário do Gram Pará* deste ano. Foi a pé a serra Tajuri, marcou-lhe a elevação, e estudou-lhe a estrutura geológica e fez magníficas coleções de fósseis devonianos, entre os quais algumas espécies novas”.

“Coordenados os seus trabalhos, voltou o professor a Santarém e daí seguiu para Itaituba, gastando um mês em exploração nas imediações

das cachoeiras. São importantíssimas as suas explorações dos terrenos carboníferos e custosíssimas as coleções de animais fossilizados e antiguidades indígenas. Num dos montes de conchas das imediações de Santarém, que cavou numa profundidade de 20 pés, achou o ilustre geólogo, muitos cacos de louça, ossos, etc., o que levaram-no a determinar aqueles montes como depósitos feitos pelos índios. São os mais antigos monumentos indígenas que há no Brasil, e de que a idade parece remontar-se a dos mais velhos da Dinamarca. Em seu regresso a Santarém, visitou as colônias americanas da Diamantina e do Panema e prepara relatórios que hão de animar a fundação de idênticos estabelecimentos”.

“O Sr. Hartt, além dos seus trabalhos científicos, que o Pará, que até o ano passado era reputado como umas das Províncias de menos importância geologicamente falando, é talvez, uma das partes do mundo que mais interesse contém para o homem de ciência, entregou-se a outros que têm sua importância relativa. Fez quatrocentos e tantas fotografias dos lugares mais aprazíveis desta capital e do interior, e tirou uma grande série de outras dos costumes dos índios, cujas malocas visitou e de cujas línguas fez um estudo comparativo entre a tupi, a mundurucu e a maué, organizando um vocabulário em que intercalou orações e legendas, que tem um certo cunho de originalidade que encanta”.

“Ao embarcar para New York, dirigiu o ilustre professor ao nosso amigo e colega José Gualdino uma carta, de que em seguida reproduzimos o texto:”

“Meu estimado amigo. Peço-lhe que no “Diário”, enquanto o não

faço no livro que estou escrevendo sobre a minha viagem ao Pará, anuncie que muito do que fiz para a ciência e para esta terra que é minha segunda pátria pelo coração, devo a facilidade com que era auxiliado por todos. Ao Exmo. Sr. Presidente da Província muito devo, que ele fez muito pelo bom êxito de minha viagem. O nosso amigo o ilustre Sr. D.S. Ferreira Penna prestou-me o importantíssimo concurso do seu saber, com uma dedicação que só se encontra em caracteres superiores. Em Monte Alegre prestaram muitos bons serviços os Srs. João Valente do Couto e Manuel Ouetty. Em Santarém os Srs. José Caetano Correia, Francisco C. Correia, Joaquim Honório da Silva Rebelo, Barão de Santarém e o Sr. Rhom. Aqui na capital merecem-me menção especial aos Srs. Comendador Manuel A. Pimenta Bueno e José Luiz da Gama e Silva, digno guarda-mor da Alfândega.

“Omiti muitos nomes, que a pressa com que escrevo, no momento de embarcar, não me deixa tempo para declinar de todos os cavalheiros a quem sou obrigado. Num trabalho mais aturado, que tenho em mãos, verão eles que não me esqueço do que fizeram por mim, que lhes sou muito reconhecido.

“Seu amigo, Charles F. Hartt”

Para concluir esta apreciação sobre o Dr. Hartt, em verdade um dos mais sérios e distintos cientistas que perlustraram a Amazônia, divulgamos ainda uns trechos que Domingos Ferreira Penna, um de seus mais íntimos amigos no Brasil, escreveu no *Diário do Gram Pará*, de 13 de agosto de 1872: